

Senado, o centro dos debates 13

Eis os senadores que estão concluindo o mandato e o número de discursos que pronunciaram, de proposições que apresentaram e que relataram em comissões técnicas durante todo o mandato, segundo os últimos registros do Serviço de Processamento de Dados do Senado:

Laelia Alcântara (PMDB-CE) — Médica, com alguma experiência política apenas no âmbito do seu Estado, o Acre, assumiu o mandato há menos de um ano, na vaga aberta com o falecimento de Adalberto Sena, um político de discreta atuação, mas sempre muito enaltecido por correligionários e adversários, por seu equilíbrio e moderação. Ela é assídua em plenário, mas não participa dos debates. De vez em quando, lê discursos sobre assistência social ou assistência médica, sempre voltados para a Amazônia ou o próprio Acre. Pronunciou 30 discursos, apresentou dez proposições e relatou outras 72. Disputa a reeleição.

Evandro Carreira (PT-AM) — Advogado, 54 anos, foi um dos que vieram na avalanche da votação oposicionista de 1974. Destacou-se no Senado pelo estilo pitoresco e gongórico dos seus discursos, repletos de imagens e de palavras pouco comuns, embora usadas corretamente. Para ele, a árvore da borracha nunca é a prosaica seringueira, mas "a hevea brasiliensis". Há pouco, ele apartou o senador Lourival Vapista (PDS-SE) dizendo: "V.Ex.a é o vexillário da campanha contra o fumo". Lourival agradeceu, aparentemente mais em função do tom amigável do aparte, indo depois, certamente — como o fizeram os jornalistas — descobrir no dicionário que vexillário significa porta-bandeira. Devido às divergências locais, logo após a fusão PP-PMDB, Carreira transferiu-se do PMDB para o PT e lançou-se candidato ao governo do seu Estado.

Jarbas Passarinho (PDS-PA) — Militar, 62 anos, passou todo o seu primeiro mandato como ministro de Estado. Neste segundo mandato, estreou na atividade parlamentar e logo assumiu posição de destaque, a ponto de ter-se tornado uma das maiores figuras do Congresso Nacional. Teve ativa atuação em plenário, primeiro como vice-líder da bancada governista (conduzida por Eurico Rezende e, a seguir, por Petrônio Portella), depois como líder, chegando à presidência da Casa. Bom orador, bom debatedor, propiciou alguns dos momentos mais altos vividos pelo plenário neste período de sete anos e meio. E teve papel de destaque também como relator da primeira etapa dos trabalhos da principal CPI criada pelo Senado nos últimos anos: a que examinou a questão da energia nuclear. Pronunciou 303 discursos, apresentou 40 proposições e relatou outras 507. É candidato à reeleição.

Luís Fernando Freire (PDS-MA) — Administrador de empresas, 43 anos, chegou ao Senado como suplente de um antigo e atuante político, Henrique de La Roque (nomeado ministro do Tribunal de Contas da União), e, embora filho de tradicional e influente político (o falecido Vitorino Freire), não disse a que veio. Exercendo o mandato já há dois anos, poucas vezes foi visto no plenário ou nas comissões técnicas. Proferiu 14 discursos, apresentou cinco proposições e relatou outras 99. É candidato à reeleição.

Bernardino Viana (PDS-PI) — Advogado, 59 anos, era suplente de Petrônio Portella. Com o falecimento deste, efetivou-se no cargo, transformando-se numa figura muito útil à liderança do seu partido. Parece sempre pronto a satisfazer os desejos da liderança e do Palácio do Planalto. Suas proposições, como a que visa a reformar o regimento interno do Senado, afinam-se perfeitamente com os interesses do governo. Mas ousou uma meia rebeldia no final do ano passado. Designado relator do primeiro "pacote" previdenciário, tentou buscar uma solução conciliatória, mas, encontrando resistência da parte dos tecnocratas do Executivo, recusou-se a apresentar o parecer. Fez 112 discursos, apresentou 25 proposições e relatou 933. É candidato à reeleição.

Mauro Benevides (PMDB-CE) — Advogado, 52 anos, tem-se batido incessantemente pela regulamentação do artigo 45 da Constituição (o que prevê a fiscalização, pelo Congresso, dos atos do Executivo) e pela devolução da autonomia política às Capitais. Mas a maioria dos seus discursos, repletos de adjetivação comum (o Ceará é a "terra de Iracema", "Terra Alencarina"), é em geral voltada para datas e comemorações do seu Estado. Pronunciou 428 discursos, apresentou 91 proposições e relatou 417. É candidato ao governo cearense.

Agenor Maria (PMDB-RN) — Agricultor, 54 anos, típico representante do fenômeno eleitoral de 1974, chegou ao Senado derrotando eminente figura política do seu Estado, o falecido Djalma Maranhão. Com participação muito ativa, trouxe para o plenário a preocupação de "pai de família" com a "degradação dos costumes" e de "homem do povo", com a constante elevação do custo de vida. Seus argumentos, fundados sempre em dados concretos, deixavam por vezes os líderes governistas embaraçados, como certa vez confes-

sou Virgílio Távora, dizendo preferir refutar as críticas feitas no plano teórico. Agenor queria disputar a sucessão estadual, mas a vinculação geral de votos acabou com seus planos. Proferiu 203 discursos, apresentou 29 proposições e relatou 257. É candidato apenas a deputado federal.

Cunha Lima (PMDB-PB) — Advogado, 52 anos, preencheu, como suplente, a vaga aberta com o falecimento de Ruy Carneiro e, sem anterior experiência parlamentar, tem tido atuação discreta. Embora assíduo e, desde 1981, responsável pela administração do Senado (como 1º secretário da Mesa Diretora), pouco se manifesta em plenário ou nas comissões técnicas. Fez 73 discursos, apresentou 37 proposições e relatou outras 387. É candidato à reeleição.

Marcos Freire (PMDB-PE) — Professor de Direito, 50 anos, chegou ao Senado com passagem anterior pela Câmara dos Deputados. Embora em círculos governistas se tivesse recado que ele radicalizasse sua atuação no Senado, isso não ocorreu. Atuou com destaque, fez discursos incisivos, mas ao mesmo tempo soube também entender-se com a liderança governista, tendo ele próprio exercido também, por dois anos, a liderança da sua bancada. Agora é candidato ao governo de Pernambuco. No Senado, proferiu 301 discursos, apresentou 25 proposições e relatou outras 235.

Teotônio Vilela (PMDB-AL) — Empresário, 65 anos, no exercício do segundo mandato, começou a assumir posição de independência dentro do partido governista e acabou-se transferindo para o PMDB. Não apresentou nenhuma proposição, relatou apenas 71 nas comissões técnicas, e proferiu apenas 64 discursos — mas quase todos contendo análise mais profunda e crítica dos modelos político e econômico do País. Várias vezes tiveram de ser colocadas cadeiras suplementares em plenário para acomodar também deputados, tal o interesse despertado por seus discursos. Por motivo de saúde, não concorreu à reeleição.

Gilvan Rocha (PMDB-SE) — Médico e professor, 49 anos, sem anterior experiência parlamentar, foi uma das surpresas de 1974. Muito atuante, revelou-se bom orador e bom apartante. Embora um tanto contudente em suas críticas ao governo, quando novos partidos foram criados, optou pelo moderado PP. Mas a vinculação geral de votos o fez retornar ao PMDB, pelo qual disputa agora o governo do seu Estado. Partiram dele as primeiras denúncias, no Congresso, a respeito da existência de uma "caixinha" do PDS visando a arrecadar contribuições de servidores públicos para a campanha eleitoral. Proferiu 95 discursos, apresentou 11 proposições e relatou outras 189.

Luiz Viana Filho (PDS-BA) — Advogado e professor, 74 anos, é uma das figuras mais respeitáveis do Congresso, pela sua larga experiência política e parlamentar (em 1935, já era deputado federal) e por ser membro da Academia Brasileira de Letras. É assíduo na Casa, mas trabalha mais nos bastidores. Pronunciou apenas sete discursos, apresentou 23 proposições e relatou outras 189. Foram discursos sobre política nacional ou de caráter regional. Defendeu, por exemplo, uma política educacional especial para o Nordeste e criticou a política caacueira. Eleito presidente da Casa, passou os dois anos do mandato lutando para restabelecer as prerrogativas do Poder Legislativo. É candidato à reeleição.

Dirceu Cardoso (PMDB-ES) — Advogado e jornalista, 69 anos, notabilizou-se de um ano e meio para cá por haver, sozinho, conseguido praticamente paralisar o Senado, embora isso lhe tenha custado incompatibilização e sérios atritos com vários de seus colegas. Mas ao longo de todo o mandato foi sempre muito atuante e trabalhador. Pronunciou nada menos que 500 discursos (sem contar as numerosas questões de ordem levantadas para obstruir os trabalhos do Senado e impedir a votação de pedidos de empréstimos para governos estaduais e municipais), apresentou 82 proposições e relatou outras 987. Teve atuação destacada também na CPI da energia nuclear. Eleito pelo extinto MDB na avalanche de 1974, quando os partidos foram extintos ficou todo tempo que pode sem optar por qualquer agremiação, mas acabou ficando com o PMDB. É candidato à reeleição.

Hugo Ramos (PTB-RJ) — Advogado, 67 anos, assumiu definitivamente o mandato em 1978, na vaga aberta com o falecimento de Danton Jobim. Com a extinção dos partidos, deixou o MDB e foi para o PDS e, posteriormente, filiou-se ao PTB. Sua atuação é discreta e voltada quase exclusivamente para as questões jurídicas. Pronunciou 20 discursos, apresentou 16 proposições e relatou outras 444.

Roberto Saturnino (PDT-RJ) — Engenheiro e professor, 50 anos, chegou ao Senado depois de haver exercido um mandato de deputado federal. Destacou-se como crítico permanente e sério do modelo econômico do País, não se limitando, porém, a apontar os erros a seu ver cometidos pelo governo, mas a argumentar também com as "vantagens" de um modelo alternativo. Graças aos seus conhecimentos técnicos, deu sempre

maior profundidade ao debate dos assuntos econômicos no Senado, onde proferiu 148 discursos, apresentou 30 proposições e relatou outras 377. Opositor também do chaguismo, não concordou com a incorporação PP-PMDB (que liquidou seus planos de disputar o governo do Estado), deixou o partido e filiou-se ao PDT. É candidato à reeleição.

Itamar Franco (PMDB-MG) — Engenheiro, 50 anos, outra surpresa de 1974, chegou ao Senado depois de ter sido prefeito de Juiz de Fora. Sempre presente, inclusive em plenário, onde tanto pronuncia discursos quanto oferece apertes polêmicos. Por sua iniciativa, todos os indicados para cargos que exigem o referendo do Senado passaram a ser sabatinados em comissões técnicas da Casa. O senador quer agora que o presidente da República preste contas ao Senado dos resultados de suas viagens oficiais ao Exterior — e, para tanto, já obteve a simpatia do líder governista Nilo Coelho. Por não ter havido prestação de contas das viagens anteriores, ele votou contra a autorização para o presidente Figueiredo ir ao Canadá. Itamar foi o presidente da CPI da energia nuclear e, atualmente, é o 3º secretário do Senado. Proferiu 380 discursos, apresentou 173 proposições e relatou outras 441. É candidato à reeleição.

Orestes Quércia (PMDB-SP) — Advogado, 43 anos, depois de uma estreia desastrosa — quando se apresentou como representante de "cinco milhões de paulistas", o que feriu a susceptibilidade de outros senadores — e depois das denúncias contra ele apresentadas, firmou-se como parlamentar, senão brilhante, eficiente e trabalhador, inclusive com boa atuação em plenário. Pronunciou 237 discursos, apresentou 361 proposições (em geral, alterando dispositivos da CLT) e relatou outras 586. É candidato a vice-governador em São Paulo.

Lázaro Barbosa (PMDB-GO) — Advogado, 43 anos, chegou ao Senado sem anterior experiência parlamentar (fora secretário da Prefeitura de Petrolina e diretor do Departamento da Indústria e Comércio), e, embora assíduo, sua atuação é discreta. Pronunciou 191 discursos, apresentou 50 proposições e relatou outras oito. Disputa a reeleição.

Vicente Vuolo (PDS-MT) — Bancário e advogado, 52 anos, quase não apareceu no Senado ao longo desses quase oito anos. Proferiu nove discursos, apresentou cinco proposições e relatou outras 172.

Mendes Canale (PMDB-MS) — Advogado e empresário, 59 anos, marcou presença quase sempre, tanto em plenário quanto nas comissões técnicas. Foi também por dois anos 1º secretário do Senado, comandando com firmeza a administração da Casa. Era do partido governista, mas, ferrenho adversário de Pedro Pedrossian, quando este foi nomeado governador do seu Estado, transferiu-se para o PP e, depois, foi dos primeiros a defender a fusão ou incorporação deste com o PMDB. Pronunciou 18 discursos, apresentou 17 proposições e relatou outras 488. É candidato à reeleição.

Leite Chaves (PMDB-PR) — Advogado, 53 anos, típico representante do fenômeno eleitoral oposicionista de 1974, chegou ao Senado sem nunca ter exercido qualquer outro cargo político ou administrativo (era advogado do Banco do Brasil), mas isso não o impediu de desenvolver intenso trabalho, embora por vezes resvalando por terrenos perigosos ou folclóricos. Logo depois da morte do jornalista Wladimir Herzog, em 1975, numa das dependências do II Exército, em São Paulo, o senador, em breve aparte a um orador, considerou "extremamente grave" a colocação do Exército Nacional nisto" e lembrou que "quando Hitler praticava seus ignominiosos crimes, não usava o Exército". Por pouco não perde o mandato. Teve até de pronunciar discurso de elogio ao Exército, a título de retratação. Mas ele atribui ao aparte a queda, logo depois, do general Ednardo D'Ávila do comando do II Exército. Proferiu 212 discursos, apresentou 56 proposições e relatou outras 807. É candidato a Deputado Federal.

Evelásio Vieira (PMDB-SC) — Jornalista e empresário, 56 anos, atuou muito em plenário, fazendo discursos sobre assuntos econômicos e sempre em defesa da dinamização do mercado interno. Atualizado, coube-lhe quase sempre suscitar no Senado os primeiros debates em torno de medidas de caráter econômico-financeiro adotadas pelo governo. Eleito pelo MDB, depois da extinção dos antigos partidos filiou-se a uma agremiação mais moderada, o PP, do qual foi o líder no Senado. Mas, depois da vinculação geral de votos, defendeu a incorporação ao PMDB. Pronunciou 226 discursos, apresentou 8 proposições e relatou outras 268. É candidato a prefeito de Blumenau.

Paulo Brossard (PMDB-RS) — Advogado e professor, 57 anos, tornou-se uma das figuras de maior relevo do Senado, onde lhe coube liderar por vários anos a bancada oposicionista. Orador, culto e, por vezes, irônico, é admirado e respeitado até por seus adversários. Pronunciou 205 discursos, apresentou 29 proposições e relatou outras 236. É candidato à reeleição.